



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

ABATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Violências, sempre violências!

Tem este jornal poucos meses de existência; a despeito disso, bastantes têm sido as violências com que o têm alvejado. Em princípio, tentaram as autoridades coagir os seus redactores a só escrever o que fosse do agrado dos governantes, reduzindo-se, assim, dum forma notável, o raio de acção da sua propaganda. Terminantemente recusaram-se os redactores de *A Batalha* a acatar semelhante atentado à liberdade de imprensa. As autoridades procuraram, então, quebrantar pela força a resistência que encontraram e a que não estavam acostumadas, inaugurando o regime da odiosa censura prévia, a princípio só aplicado a *Batalha* e depois também ao *Combate*. Todas as manhãs a oficina de impressão é invadida pela polícia, que impede que se faça a tiragem até que venha ordem superior que autorise a circulação deste diário. Revoltados, tivemos que nos submeter a essas violências, tivemos que sofrer todo o peso da repressão republicano-burguesa que estrangulava o nosso grito de protesto, perseguindo ilegalmente este jornal. Mas tal infâmia era ainda pouco. Uma noite, protegidos pelas trevas — porque os governantes são como os morcegos, não gostam de perpetrar as suas nefandas acções à luz dourada do sol — os agentes da ordem burguesa, cercaram o edifício onde estamos instalados, apontando os carabins, no propósito manifesto de abater a tiro o mínimo protesto. Quem se encontrava no edifício, uns trabalhando nas oficinas da *Batalha*, outros nos gabinetes de vários sindicatos, teve de sofrer o vexame de uma viagem em *camião* até ao quartel do Carmo e do arremessar de tanta gente para o celebre picadeiro. Manifesta foi a irritação que tal arbitrariedade produziu entre a opinião proletária que, sem discrepâncias, unanimemente reprovou tal inexplicável violência. Certamente que dessa atmosfera de revolta não resultou a queda dos que governam, mas a verdade é que o já abalado prestígio das instituições sofreu muita uma forte enxada, porque muita gente que estava plenamente convencida de que em Portugal tinha sido inaugurado o regime do respeito pelas liberdades públicas, sofreu uma desilusão completa.

Veem as considerações que acabamos de fazer, a propósito do que ontem se passou com *A Batalha*. Na forma do costume, vimos os guardas civis cercarem a oficina de impressão e levarem um exemplar à sanção de um qualquer indivíduo do Governo Civil. Pouco depois, era comunicado que o jornal não podia circular. Porque? Não se sabia; as autoridades não se dignaram comunicar, ao menos, a razão de tal ordem. Decorre algum tempo e surge autorização para a livre circulação do jornal. A rotativa começa a trabalhar, vomitando rapidamente milhares de exemplares. Os vendedores de jornais saem, atirando aos ares com o pregão deste jornal. Mas, surpresa das surpresas, daí a pouco, os ferozes mantenedores da ordem percorrem as ruas, em busca de vendedores que tenham *A Batalha*, a fim de a apreenderem. Qual a razão disso? Não se sabe!... Simplesmente um agente da segurança do Estado comunica essa nova determinação, sem ajuizar qualquer explicação, ainda mínima que fosse.

Ora isto não se faz, esse procedimento é indigno. São atitudes covardes, desleais e infames à liberdade de imprensa. A constituição do país proíbe expressamente que se pratiquem tais actos. A lei de imprensa estatue em termos muito claros que nenhuma autoridade poderá impedir a circulação de qualquer jornal e, quando o faça, deve ser severamente punida. Portanto, o governo está fora da lei, o governo está procedendo ilegalmente, violentamente, arbitrariamente. Nada justifica o seu procedimento. Ele sai fora da lei, ele está transgredindo o código fundamental da República, ele não passa de um representante da classe burguesa, mancomunado-se com ela para esmagar o porta-voz da classe trabalhadora portuguesa, que os incompa, que os irrita, porque verbera todos os seus erros, porque defende os oprimidos, porque põe a descoberto os crimes dos bandidos do internacionalismo capitalista. Odelam-nos, e ainda não nos estranhamos definitivamente, apoiados na força por enquanto inconsistente das baloetas, porque recelam ir longe de mais, porque reconhecem que toda a classe operária se sente indignada com as per-

NOTAS & COMENTÁRIOS

O ex-kaiser

Já um jornal inglês, o *Evening News*, relata os pormenores futuros do processo de Guilherme. O ex-kaiser ficará preso numa dependência do palácio de Hampton Court, próximo a Londres, e no mesmo palácio se efectuará o julgamento. Poderá parecer arriscada esta clarividência, tanto mais que a Holanda tem dado mostras de não estar muito disposta a sujeitar-se às imposições dos aliados no que respeita à entrega do fugitivo imperador. Este, enquanto espera as pirraças do destino, vai rachando lenha. O que se nos não figura impossível é vir a dar esta história do julgamento do kaiser nova embrulhada. É claro que Guilherme II tem contes e não no cartório. Mas quem, dos soberanos europeus, ousará lançar-lhe a primeira pedra?

Um morto ilustre

Acaba de falecer Ernesto Haeckel, o professor ilustre da Universidade de Jena. Conheci-o no os leitores, pois que a sua grande actividade de vulgarizador até em Portugal se fez sentir. Da sua obra, que é imensa e notabilíssima, dois livros, além de outros, foram traduzidos na nossa língua, e bem podem considerar-se magníficos compendios populares de ciências naturais. Referimo-nos às *Maravilhas da Vida* e aos *Enigmas do Universo*. O ilustre alemão nasceu em Potsdam, em 1834. Afirma depressa a sua supremacia como naturalista e zoólogo, e foi um dos 93 signatários do célebre manifesto, publicado ao princípio da guerra pelos intelectuais germânicos. No entanto, a primeira edição da sua *História da Criação dos Seres Organizados*, continha um ataque em forma ao militarismo prussiano, destrutor do pensamento alemão. Depois de 1870, Haeckel deixou-se arrastar um pouco por esse mesmo imperialismo que, de princípio lhe parecia odioso. De qualquer maneira, e apesar de todos os senões que possam descobrir-se, é fora de dúvida que acaba de perder a humanidade um seu componente valioso.

Juventudes Sindicalistas

As Juventudes Sindicalistas francesas, que, no início da guerra, se desorganizaram quase inteiramente, em virtude de haverem sido chamados para a matança os seus melhores elementos, estão a reorganizar-se agora — maravilhosamente, segundo diz uma carta recebida pelas Juventudes Portuguesas. O *Cr des Jeunes Syndicalistes* reapareceu, e está em vias de definitiva constituição um organismo federativo. Daqui se vê que a guerra, sendo a mais destruidora das convulsões burguesas, não conseguiu, apesar de tudo, afundar, no sangue que provocou, a ideia sindicalista. Em Portugal as Juventudes tomaram ultimamente um novo incremento e já o antigo organismo da Rua do Arco da Graça, fundado na Casa Sindical da Rua dos Prazeres deu origem a várias ramificações, existindo actualmente uma organização que, apesar de suas insuficiências, se mostra robusta e disposta a perdurar. A questão é de remover aquelas insuficiências, fazendo das Juventudes como que uma escola donde possam sair homens bons, quer para combater a iniquidade presente, quer para não desmancharem o conjunto harmónico de uma sociedade nova, admitindo que, como tudo indica, a transformação social é tarefa de que a actual geração de adultos se encarregará.

Presos por questões sociais

Uma conferência por Sobral de Campos
Amanhã, pelas 21 horas, na sede da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, calçada do Combro, 38-A, 2.º, realiza o Dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da Central dos Sindicatos, uma conferência subordinada ao tema: «Os presos por questões sociais».

A entrada é pública.

A greve dos marítimos de Olhão

Termina com vantagens para os grevistas
OLHÃO, 16. — As artes de pesca voltaram ontem para o normal, normalizando-se a vida local, tendo os marítimos conferenciado com os armadores, retomando o trabalho em condições sensivelmente iguais às anteriores à greve. Três dias depois os armadores ofereceram, sob proposta do Dr. Carlos Fustate, condições mais vantajosas que o máximo reclamado durante a greve.

A guerra vermelha

O Japão não quer combater os bolchevistas
TOKIO, 17. — O governo japonês, respondendo à nota do almirante Koltchak, declarou que não podia consentir no envio de divisões japonesas para combater os bolchevistas.

Depois da guerra

O primeiro navio alemão que atravessa o Mediterrâneo depois de assinada a paz.
HAMBURGO, 16. — Levantou ferro o vapor *Diana*, o primeiro navio alemão que vai atravessar o Mediterrâneo depois de assinada a paz.

Trabalhadores Auxiliares ferroviários!

EM VOLTA DE UM PROJECTO DE LEI

SINDICALIZAÇÃO OBRIGATÓRIA

¿Um deputado deslocado do seu meio ou uma habilidade política para "matar" o sindicalismo?

É realmente interessante o projecto de lei que o deputado João Camoegas submeteu à apreciação do parlamento sobre a sindicalização obrigatória do proletariado.

Por várias vezes temos visto defender diferentes meios de obrigar os operários nos sindicatos a organizar-se e entre esses meios o que consiste em coagir os refractários a organização a sindicarse, pondo-se em prática o boicote por parte dos sindicatos, tanto nas obras — se são componentes da construção — como nas oficinas e fábricas — se são doutros indústrias.

Em certos pontos de Espanha, por exemplo, há acordos estabelecidos entre os gerentes ou patrões e os operários, segundo os quais nenhum operário terá ingresso no respectivo trabalho, se não apresentar a sua caderneta de sindicado. Há excepções apenas para o operário estrangeiro, quando justifique a falta da caderneta, em credencial fornecida pelo sindicato da localidade de onde saiu, mas é forçado a sindicarse imediatamente no sindicato profissional da localidade onde se encontra.

Entre nós também esse princípio se está desenvolvendo, especialmente nas localidades onde a organização sindical adquiriu alguma potência consciente.

Está procedendo, porém, é resultante da necessidade de defesa dos operários animados do espírito de classe, é, ao mesmo tempo, a maneira, considerada eficaz, de forçar os indolentes a interessar-se pela organização e por todos os problemas que lhes dizem respeito.

No momento que passa os operários são compelidos a ingressar nos sindicatos, em vista das necessidades momentâneas os apertarem, necessidades impostas pelas condições de vida económica, dia a dia mais insuportáveis e cruéis, e ainda porque não têm a intuição nítida de que se avizinha a hora da redenção.

Não são todos e nem sequer a maioria do país: é apenas uma minoria, se bem que relativamente numerosa.

Mas tempo houve que poucos eram os organizados e a par da organização, meios um tanto ou quanto coercitivos foram postos em prática para que a organização sindical adquirisse alguma consistência.

Tudo este trabalho, no entanto, era feito pelos trabalhadores e para seu próprio benefício.

Animava-o o anseio de emancipação económica e política, a libertação da gargalhada patral e do Estado.

Modernos ideais de justiça e verdade avassalavam os cerebros dum minoria consciente e esta sentia pressa em inocular no seio das massas ignoras o vírus libertador, preparando-as para a luta incessante contra a opressão que a vitimava, por meio da organização, condição sem a qual jamais seria possível sair-se do estado de servidão económica e política a que o proletariado estava e está sujeito.

M. J. de SOUZA
(Operário fabricante de calçado sindicalizado)

UM APÊLO DE INTELLECTUAIS

Um grupo de intellectuais, no qual figuram nomes conhecidos universalmente no mundo das letras, lançou os seus colegas o seguinte apelo:

«Trabalhadores do intellecto, camaradas dispersos através do mundo, durante cinco annos separados pelos exércitos, pela censura e pelo ódio das nações em guerra, hoje que caem as barreiras e as fronteiras se abrem de novo, vinham apelar para vós, a fim de se reconstruir a nova união, fraterna, mas uma união nova, mais sólida e mais segura que a que antes existia.

«A guerra lançou a confusão nas nossas fileiras. A maior parte dos intellectuais puseram a sua sciência, a sua arte, a sua razão, ao serviço dos Governos. Não queremos accusar ninguém, nem dirigir censura alguma. Conheçamos a fragueza das almas individuais e a força elemental das grandes correntes colectivas: estas varreram aquelas, num instante, porque nada fora previsto para lhes resistir. Oxalá que a experiência nos sirva ao menos para o futuro!

«Antes de mais nada, registemos a que desastres não conduziu a quasi completa abdicção da intelligência do mundo e a sua voluntária sujeição ás forças desencadeadas.

«Os pensadores e os artistas ajuntaram ao flagelo, que rói a Europa na sua carne e no seu espirito, uma soma incalculável de ódio envenenado. No arsenal do seu saber, da sua memória, da sua imaginação, procuraram elles razões velhas e novas, razões históricas, scientificas, lógicas, poeticas, para odiar; trabalharam para destruir a compreensão e o amor entre os homens. E fazendo assim, embruteceram, aviltaram, rebaixaram, degradaram o pensamento, de que elles eram representantes. Fizem-nos instrumento, das paixões e (talvez sem o saber) dos interesses egoistas dum casta politica ou social, dum Estado, dum pátria, dumha classe. E agora, desta contenda selvagem, da qual saem maltratados e exaustas todas as nações beligerantes, vencedoras ou vencidas, da qual saem, no fundo do coração — embora o não confessemos — envergoadas e humilhadas pela sua crise de loucura, saí com elas abatido o pensamento, comprometido nas suas lutas.

«Eia pois! libertemos o intellecto destes compromissos, destas alianças humilhantes, destas servidões mascaradas! O intellecto não serve ninguém; não que somos os seus servidores. A nossa tarefa é conduzir, proteger a luz, agrupar em torno della todos os homens exaltados. A nossa missão, o nosso dever é manter um ponto fixo, indicar a estrela do norte, no meio do torvelim das paixões, na escuridão da noite. Entre essas paixões de orgulho e de recíproca destruição, não fazemos selecção: regeitamos-las todas.

«Prestamos honras apenas á verdade, livre, sem fronteiras, sem limites, sem preconceitos de raças nem de castas. Não nos desinteressamos certamente da humanidade. Para ella trabalhamos, mas é para ella toda, inteira. Não conhecemos povos: conhecemos o «povo-único», universal, o «povo» que sofre, que luta, que cá e lá torna a levantar-se, e que caminha sempre para a frente pelo ruído do caminho, regado com o suor e com o seu sangue; o «povo» de todos os homens, todos igualmente nossos irmãos. E para que eles adquiram, como nós, a consciência desta fraternidade, elevamos acima das suas cegas lutas a Arca da Aliança, o Espírito livre, uno e múltiplo, universal.

Itália: Benedetto Croce, Roberto Bracco;

Estados Unidos: Jane Addams; Bélgica: Jorge Eekhoud, Frans Masereel, Jacques Mesnil, Henrique van de Velde;

Alemanha: prof. A. Einstein, Hermann Hesse, Max Lehmann, Heinrich Mann, G. Nicolai;

Inglaterra: Bernardo Russell, Israel Zangwill;

Áustria: Stefan Zweig;

Francia: Romain Rolland, Henrique Barbusse, Jorge Duhamel, Marcel Marlinet, Hans Ryner;

Holanda: J. Brower, van Eeden;

Suecia: Prof. August Forel;

Suécia: Heidenstam, Selma Lagerlöf, Carl Lindhagen.

Catastrofe ferroviária

MONTREAL, 12. — Houve um incêndio no caminho de ferro, sendo queimadas vivas 7 pessoas, — 11.

A defesa da "Liberdade" e do "Direito"...

A Inglaterra perante a Revolução Russa

O órgão do partido liberal, «Daily News», condena por completo a intervenção da Grã-Bretanha nas questões internas da Rússia :: :: ::

O *Daily News*, órgão officioso do partido liberal inglês, de que é principal vulto o conhecido politico britânico, sr. Asquith, chefe do governo quando do início da conflagração europeia, publicou ultimamente um sensacional artigo condemnando por completo qualquer intervenção do seu país nos negócios internos da República dos Soviets. Passamos a transcrever esse artigo, que almeja ser um importante documento que não devíamos deixar de registar nestas columnas, e o demonstrando de que a burguesia britânica, muito mais perspicaz do que a dos países latinos, vê a inutilidade das intervenções armadas num país que livremente escolheu uma forma de governo a que de nenhuma forma quer renunciar. Aos que evangelizam o combate ao perigo bolchevista recomendamos a leitura atenta deste artigo, para que não persistam na sua opinião de que os aliados devem esmagar um povo que se libertou e que quer continuar sendo livre, repondo no trono um czar que encharcou as mãos no sangue de muitos milhares de proletários:

Não estamos em guerra com a Rússia bolchevista. Mas na realidade fuzilamos os bolchevistas que defendem o território russo contra a invasão britânica e estamos afundando barcos bolchevistas nas águas russas, onde nada perdemos. Porém, o que é mais sério, é que deixamos morrer os nossos soldados de fome e de guerra, no deserto russo, combatendo a gente que não é nossa inimiga e defendendo uma causa que não nos importa. Algumas vezes convidamos os chefes bolchevistas a umas conferências «amistosas» em Prinkipo e lhe enviamos as condições de uma provável paz. Isto tem lugar geralmente quando os resultados militares são, momentaneamente, pouco favoráveis. Outras vezes proclamamos a guerra santa contra a Revolução Russa e a facilitamos soldados, instrutores e munições a quem quer que se preste a combatê-la. Fazemos isso quando os resultados militares nos são, também momentaneamente, favoráveis.

A opinião do partido liberal do país é contrária a semelhante loucura. Todo o partido trabalhista é-lhe igualmente adverso. Todos os elementos sãos da imprensa denunciam-na da sua maneira violenta. Uma votação demonstraria que há uma maioria esmagadora que deseja que a Rússia busque a sua própria salvação. Mister Asquith, no seu último discurso, reflectiu o sentir do país inteiro declarando que não corresponde a nós nem aos aliados tomar parte nas questões domésticas e no desenvolvimento constitucional das nações independentes. «O governo futuro da Rússia é uma questão do povo russo, e que ninguém, além do povo russo, poderá resolver».

Aqueles que desejam o triunfo do bolchevismo em todo o mundo, podem estar satisfeitos, porque o preço da destruição do bolchevismo na Rússia, parece ser a bancarrota da Grã-Bretanha, e isso arrastará peores males que o bolchevismo. Aqueles que tinham do contra o significado do facto do *apropriação da vitória* compreendem os sinais dos tempos. Um visitante do exército de Denikine comunicou-nos alegremente que este estará brevemente em Moscou.

«E onde estaria — preguntámos se não tivesse recebido tanks, espingardas e provisões britânicas?»

«No mar Negro, replicou rapidamente.

«Porém, com Denikine em Moscou, ajudado pelos tanks, espingardas e provisões britânicas, a solução do problema não teria terminado, mas apenas teria sido iniciada. Dizem-nos que isto não é a politica da Grã-Bretanha, mas a politica da Rússia».

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

«Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

sim a dos aliados com a qual nos devemos conformar.

«Quais aliados? A América retira as suas tropas da Rússia e não gasta um navio nem um real em equipar os exércitos russos anti-bolchevistas. O liberalismo americano solidariza-se com a loucura russa. Todos os delegados americanos que tem conversado com Lênine e Trotsky, voltaram decididamente pró-bolchevistas, e muitos membros da Cruz Vermelha e outros delegados celebraram grandes reuniões em sua defesa nas cidades dos Estados Unidos. Os delegados americanos que estiveram na Sibéria dão testemunhos desfavoráveis a Kolchak e aos assassinos e atrocidades da sua ditadura militar.

«Quais são os aliados? É a Itália? A Itália declarou oficialmente o seu desinteresse pelos problemas russos e está completamente ocupada com a questão do Adriático. É a França? Se é a França, que é o produto da Revolução Francesa, deixemo-la fornecer viveres e homens para se fazer a guerra à Revolução. Porém, a França evanou Odesa com mais ou menos êxito. Não ainda não evacuamos Arkangel.

«Porque estamos na Rússia? Para alguns, dedicamo-nos a exterminar os bolchevistas como uma praga, e o bolchevismo como um credo de loucura criminoso. Porém, se a Rússia deseja ou está contenta com esse credo, porque razão havemos de combatê-lo e expensas do sangue e da riqueza britânicos?»

Da mesma maneira tratámos de su primar, há cem annos, como uma loucura criminosa, a Revolução Francesa. Então, os emigrados levantaram a voz descrevendo atrocidades inconcebíveis, para obter o nosso apoio. Também circularam os informes das missões militares britânicas e, segundo elles, só 2 ou 3 por 100 dos exércitos revolucionários eram verdadeiramente partidários das novas doutrinas, acudindo o resto ao matadouro pelo temor de ser executado. Então, o exército anti-revolucionário estava a poucos dias de distância das portas da capital que seguramente havia de cair; houve também motins na provincia contra os Lénines e Trotskys daquella tempo, e os barcos britânicos occuparam um dos maiores portos de França!

Debaixo de uma loucura semelhante estamos fazendo agora uma cruzada não só contra a coisa revolucionária, mas ainda contra a ideia revolucionária. O resultado de trinta annos de guerra continua e geralmente desastrosa foi, então, o encadeamento temporário da revolução por uma Liga das Nações, chamada a Santa Aliança. Após curto espaço de tempo, a revolução escapou-se do cárcere e rolou, inconquistada e inconstitucional pelos grandes caminhos da Europa. Todavia, o símbolo da Revolução triunfa hoje. Estabelecendo-se a República em toda a parte, desde o mar Arctico ao Mediterraneo. E precisamente neste momento, quando o cántico da revolução resoa nas ruas das nossas cidades como verdadeira música de paz, que se nos pede que entremos numa nova guerra interminável contra a ideia revolucionária. Pedem-nos que intervenhamos para evitar atrocidades. Terríveis atrocidades se cometeram sempre — na Rússia e noutras partes — quando a reacção combate a revolução. Porém, uma coisa não as atrocidades e contra as mentiras, formadas ao calor das atrocidades; faremos bem em ler com escrupulosidade o testemunho de um correspondente em Stockholm, ou de um refugiado de Helsingsfors, ou ainda de uma informação fidedigna de Amsterdam.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

Inglaterra não deve intervir nunca nos países estrangeiros, por causa de massacres, quer sejam bulgaros, arménios ou russos.

A ORDEM...

O CRÉDITO DE 3.000 CONTOS

O governo, em vez de combater a carestia da vida, pede ao parlamento dinheiro para combater o povo trabalhador

Apresentou antemão o governo, no parlamento, o pedido de um crédito de 3.000 contos, que serão, segundo declaração, destinados à manutenção da ordem pública. De tal forma esse pedido de crédito é inaceitável, que merece o ataque vivo de deputados de quasi todas as nuances, que, por fim, e faltando assim ao que disseram durante o agitado debate, o aprovaram. Não podemos deixar de apreciar como de justiça esse facto. Num momento em que o país necessita de muitos milhares de estradas, encontrando-se as poucas que existem num estado lamentável; em que se impõe imperiosamente o renascimento do material e o desenvolvimento da rede ferroviária; em que há importantes questões de fomento a resolver, não se explica de forma alguma que esses milhares de contos se vão assim desperdiçar na manutenção da ordem pública, que só os governantes, em todas as circunstâncias, tem alterado. E' dinheiro que o povo vai pagar para que os esbirros da Segurança do Estado continuem arrastando a sua ociosidade, espionando honrados trabalhadores, tidos como traidores, e o esmagamento da organização operária, arremessando para os cárceres lobregos que povoam o país de extremo a extremo, os homens de boa vontade que querem melhorar as condições de vida dos que trabalham. E' dinheiro arrastado ao contribuinte para que a guarda republicana se pague bem, fornecendo-lhe camiões e peças de artilharia, a fim de que, se esse mesmo contribuinte se lançar no protesto da praça pública, a isso impedido pela tenebrosa situação que lhe criaram os governantes, ela facilmente esmague, com a força das armas, a tão justificada rebeldia.

E' o dinheiro extorquido aos trabalhadores para impedir a sua organização, para os perseguir, para os entregar, amarrados de pés e mãos, à burguesia exploradora, à burguesia que os envenenou e roubou durante a guerra, sem que em qualquer circunstância os que governam tentassem obstar a tais desmandos.

Pede o governo dinheiro para combater o que chama bolchevismo, e que não é mais que uma manifestação de protesto da opinião pública perante a carstia da vida, que se mantém após oito meses de armistício. Mas porque razão não reclama dinheiro para iniciar uma grande ofensiva contra os acambradores, contra os responsáveis da fome nacional, promovendo a venda ao público de enormes quantidades de géneros de primeira necessidade, que se encontram enterrados nos armazéns dos altos comerciantes, lançando mão de todos os meios para trazer rapidamente à região de Lisboa, artigos que a província e as colónias tem em enormes quantidades, e que por lá ficam, deteriorando-se, na maior parte dos casos, enquanto em Lisboa só se encontram a preços elevadíssimos? Para isso teria o apoio incondicional do povo trabalhador, desde que a sombra desse combate à carestia da vida, não engordassem alguns dos inúmeros parasitas que pululam nas repartições públicas, a semelhança da que sucede no ministério das subsistências, que mais provê a subsistência das centenas de indivíduos que alberga do que ao aliviar da angustiada situação económica do país.

Seria esse o critério que seguiria o sr. S. Cardoso se porventura não tivesse um raciocínio tão estreito, tão tacaño.

Dizem-nos telegramas ultimamente enviados de França, que nesse país prossegue energeticamente a luta contra a carestia da vida. E o governo francês faz isto: utiliza-se de todos os meios, desrespeita os privilégios burgueses, porque vê que o único meio de combater a revolta do proletariado, é dar-lhe pão mais barato e não balas em abundância, como é costume dos governantes portugueses.

Um crédito para a manutenção da ordem pública!

A agitação social na Inglaterra

O programa do soviet do Clyde
Em Inglaterra, como, de resto, em toda a Europa, é grande a agitação revolucionária de carácter social, manifestando o proletariado o seu propósito de derrubar a sociedade capitalista. Como demonstração do estado em que se encontra o proletariado britânico, publicamos hoje o programa do soviet do Clyde, importante cidade onde estão os maiores estaleiros de Inglaterra, e onde durante a guerra foi grande a efervescência revolucionária do operariado. Esse documento foi descoberto pela polícia quando das suas investigações para a descoberta de uma vasta conspiração que supõe organizada com o objectivo de destruir a organização capitalista da Grã-Bretanha:

1. Desarmamento de todos os soldados e marinheiros.
2. Confisco de armas e munições pelos Conselhos de operários e soldados.
3. Armamento de toda a população operária constituída em exercito vermelho.
4. Disciplinas voluntárias dos soldados em substituição da actual escravidão brutal e degradante. Todos os superiores serão eleitos pela tropa. Abolição dos conselhos de guerra.
5. Nomeação de representantes dos conselhos de operários e soldados em todos os órgãos políticos.
6. Criação dum tribunal revolucionário para julgar os homens principalmente responsáveis dos maus tratamentos infligidos aos camaradas actualmente presos.
7. Confisco imediato de todas as subsistências, a fim de ser assegurado o sucesso da revolução.
8. Supressão do Parlamento e dos Conselhos Municipais, cujos trabalhos serão efectuados pelo Conselho revolucionário.
9. Abolição de todas as distinções de classe, títulos e ordens; igualdade social dos sexos.
10. Redução das horas de trabalho para evitar a falta de este, e para levar a limitação do dia de trabalho a seis horas; salário mínimo de sete libras por semana de trabalho.
11. Confisco de todos os bens e rendimentos das corporações, que se tornarão propriedade comum.
12. Anulação de todas as dívidas do Estado e outras dívidas.

Mas está, porventura, ameaçada essa intangível ordem, tanto do agrado da burguezia, que gosta de fazer a digestão sossegadamente, sem ter a inquietude da luta ensurdecedora das multidões esfomeadas? Ninguém dá por isso, e já o outro dia dissemos nestas colunas que é digna de admiração a quietude, a resignação do povo ante a desenfreada especulação de que é vítima, e que já deveria ter ocasionado uma enérgica explosão de revolta—semelhante à de 20 de Maio—se não fosse o receio de que os governantes, ainda não contentes em terem permitido que os ambiciosos e os viderinhos arrastassem Portugal para esta desgraçada situação, o mandassem esmagar pelas patas dos cavalos da guarda republicana, fuzilando-o por essas ruas e travessas dos bairros populares, sem do nem piedade.

Persegue o governo operários que dizem perturbadores da ordem por terem um bocado de consciência. Mas porque motivo não persegue os verdadeiros, os genuínos autores das perturbações, que são os magnates da moagem, do bacalhau, do peixe, enfim, os comerciantes que tem em sua mão o abastecimento do país e que com a sede de acumular rapidamente montanhas de ouro, obrigam as classes proletárias, para não morrerem de fome, a lançar-se em continuas greves de aumento de salário que, embora nada resolvendo—como se tem verificado, pois o comerciante promove logo uma alta no custo da vida que vai além dessa melhoria de situação—são, todavia, o único caminho, a única arma de que se podem utilizar para resistir aos honrados comerciantes da nossa praça, que, com toda a sua amizade à ordem e ao sossego, não são capazes de sacrificar uma parte dos seus interesses, ao interesse geral, ao interesse de um povo de sete milhões de almas, que morre de fome, sem ter no poder quem, muito seriamente, providencie para que tal flagelo seja de pronto debelado.

Aprovou antemão, o parlamento, embora entre protestos, esse crédito. O governo, armado agora com não forte quantia, prossegue no seu caminho de violência sem nome, desrespeitando as mínimas liberdades, conduzindo o país a uma tirania só comparável com a que imperava na Rússia quando governavam os czares. Tudo fará para evitar a menor beliscadura na ordem burguesa e capitalista. Estamos, porém, absolutamente certos de que todos os seus esforços redundarão no mais completo fracasso, pois a história destes nove anos incompletos de regime republicano, ensina-nos que nunca com violência conseguiram os governantes manter a tranquilidade, porque elas provocam sempre o protesto vivo dos que tem consciência e o desencadear da batalha entre os que querem submeter o povo à opressão mais vergonhosa e a parte da população que está disposta a manter, através de tudo e custe o que custar, as liberdades mínimas de que goza e que com tanto sacrifício, com tanto sangue, foram arrancadas às classes privilegiadas, durante anos de ininterrupta e ardorosa luta.

Intellecto tem sido o regime com os governos que se seguiram à guerra civil de Janeiro. Depois dessa tremenda lição, todos julgavam que os processos antigos seriam definitivamente postos de parte e que triunfaria o desejo de conciliação, evitando-se lutas perigosas para o prestígio da República. Não sucedeu assim. Continua sendo a violência, a ostentação de força, a atitude predileta dos homens que o acaso das revoluções guindou ao poder. Das consequências desastrosas que isso acarretará interair-se-á brevemente a opinião pública, porque o procedimento do governo, necessariamente provocará uma enérgica reacção do povo que trabalha, do povo que produz, e que tem consciência.

SOUVARINE.

O perigo das armas de fogo

Uma creança ferida

João Lopes dos Santos, sapateiro, casado com Ana dos Santos, que reside na rua do Alamos, 14, com sua mulher e um enteado de 5 anos de nome Alvaro, chegou a casa e, despiendo o casaco, colocou uma pistola sobre uma mesa. Na ocasião, além do Alvaro encontrava-se um outro menor de 3 anos, Fernando de Castro, filho de Anacleto de Castro e de Rosa de Castro, residentes no 2.º andar do mesmo prédio. Aproveitando a ausência dos Santos, os dois pequenos foram metter na arma, a qual se disparou indo o projectil atingir o Fernando no nariz. Conduzido num auto da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, foi, no mesmo dia, operado pelos drs. Medeiros de Almeida e Mota Cabral, recebendo depois a enfermagem 11 (Santa Joana).

Vida cara e difícil

O ministro do comércio está tratando da promulgação de medidas tendentes a baratear vários géneros de primeira necessidade, entre eles o açúcar, feijão, azeite, etc.

Vários comerciantes espalham que o açúcar vai faltar no mercado e ao mesmo tempo vão aumentando o preço desse género desrespeitando a respectiva tabela.

Seria conveniente que o ministro dos abastecimentos providenciasse, evitando por todas as formas tão criminosas manobras.

POLÍTICA ESPANHOLA

O governo virtualmente em crise
—Uma reunião dos países que tem interesses no Mediterrâneo—

MADRID, 12.—O subsecretário da presidência declarou aos jornalistas que o governo terminou já a missão, para a qual foi chamado ao poder, isto é: fazer aprovar o orçamento, legalizar a situação económica e dar plena liberdade à prorrogativa régia. No próximo gabinete, que deve ter lugar na quinta-feira, o monarca e a opinião pública decidirão da sorte do gabinete. O mesmo sub-secretário, interrogado sobre a época provável da crise, respondeu que a crise pode dar-se desde hoje, até 15 de Novembro.

O governo chamou a Madrid todos os deputados que estão ausentes.

A Gaceta publicou um decreto, pelo qual o ministério dos negócios estrangeiros é encarregado de convidar a reunião-se em Madrid os países que tem interesses no Mediterrâneo a fim de se tratar das explorações científicas que devem realizar-se nas suas costas. A conferência deve reunir no dia 17 de Novembro do ano corrente.

Segundo o ABC a crise está virtualmente declarada. Fala-se na mudança de alguns ministros.—H.

A Espanha adere à Sociedade das Nações

MADRID, 16.—O soberano assinou a lei que autorisa o governo espanhol a dar a sua adesão ao pacto da Sociedade das Nações, compreendendo no tratado de Versailes entre as potências aliadas e associadas e a Alemanha, e a aceitar igualmente as estipulações da 13.ª parte do dito tratado, relativas à organização do trabalho.—H.

Metalúrgicos do Porto

Um "lock-out" dos industriais

O presidente do ministério vai garantir aos operários a liberdade de trabalho

Os camaradas metalúrgicos do Porto e Gaia, em face do lock-out dos industriais contra as 8 horas de trabalho, resolveram publicar um manifesto à classe exteriorizando a sua surpresa no facto de se estabelecer essa greve patronal precisamente num momento de afluência de trabalho urgente que levou, esses industriais, a exigir dos seus operários 2 horas de trabalho extraordinário sem que, no entanto, se dispusessem ao correspondente pagamento de horas suplementares, pretendendo-se, assim, voltar ao antigo regime das 10 horas.

Nesse manifesto salienta-se ainda o facto de os industriais invocarem constantemente o lema da "Paz, Ordem e Trabalho" e serem os primeiros a forçar, milhares dos seus cooperadores a uma folga que determina a miséria e todas as suas consequências.

O manifesto conclui por afirmar que só se retomará o trabalho nas seguintes condições: Manutenção do horário de 8 horas; pagamento de 50 por cento dos salários pelas horas extraordinárias de trabalho durante o dia e 100 por cento durante a noite.

Numa reunião magna da classe, realizada no dia 10, foi aprovada por aclamação uma proposta para que uma comissão estude o projecto de uma nova organização de combate, para uma acção prática e duradoura contra a atitude patronal, tendo por fim a execução de todos os trabalhos que não exijam complicadas ferramentas.

Nesta ordem de ideias e em aplicação da proposta, foi publicado nos jornais do Porto o seguinte anúncio:

Em consequência de se encontrarem em folga forçada, os mesmos operários encarregados de todos os trabalhos concernentes às suas profissões, como sejam: Todas as reparações de máquinas e caldeiras, tanto marítimas como terrestres, reparações com todo o esmero e promptidão em todas as traineiras tanto no Porto como fora, e de todos os trabalhos de manutenção de todas as marcas. Também se encarregam da montagem de máquinas industriais e agrícolas, não só no Porto como fora, com o mesmo esmero e promptidão em todos os trabalhos da construção civil e mobiliária de ferro.

As condições para chamada de pessoal como para o caso de emergência, são as seguintes: 2.ª, desde as 10 horas às 15.

Atenta a enérgica atitude do chefe do governo, somos informados de que o sr. S. Cardoso vai garantir aos operários metalúrgicos do Porto e Gaia a liberdade de trabalho, mandando reagir imediatamente as oficinas e fazendo substituir os donos das fábricas.

Prêso por mendigar

Escreveu nos Carlos Alberto Cabral, 2.º cabo n.º 237 da 3.ª Companhia do Depósito de Armas, preso no governo civil, depondo ser fã da política que os jornais publicam e que em que se diz que a prisão obedeceria a andar esmolando junto às caixas dos teatros.

Os que roubam fora da lei

Queixaram-se à polícia Manuel Duarte Costa, rua do Arco do Marquês do 2.º andar, e 3.º andar, por arrombamento, furtar do seu estabelecimento na mesma rua, calçado no valor de 150000; Clara Pinheiro, rua dos Cavaleiros, 7, 3.º andar, por arrombamento, furtar do seu estabelecimento objectos no valor de 40000, e Aurora Monteiro, rua da Mouraria, 17, 3.º andar, de que a rua da Guia, foi agredida com socos e pontapés, ficando o sr. Vasilio rasgado e roubando-lhe cinco escudos, causando-lhe um prejuizo no valor de 5000.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Juventude Sindicalista Central.—A comissão administrativa convidou os sócios que pagavam na sede, a virem à sede da Federação da Construção Civil, a fim de satisfazer as suas necessidades. Os camaradas que não tinham ido, foram chamados a comparecer no dia 10, às 10 horas, na sede da Federação da Construção Civil, a fim de satisfazer as suas necessidades. Os camaradas que não tinham ido, foram chamados a comparecer no dia 10, às 10 horas, na sede da Federação da Construção Civil, a fim de satisfazer as suas necessidades.

A GREVE FERROVIÁRIA

Ao passo que os grevistas se mantêm vigorosamente, o governo continua encerrado na sua irreducibilidade criminosa : :

Nota oficiosa do Comité Central

Para mais a vontade trabalharmos voltámos ao acampamento e cá estamos firmes e dispostos a lutar até ao fim.

Numa entrevista concedida ontem, 16, pelo presidente do governo a um redactor da Capital, conseguiu este por dizer que já não existe greve, e que deseja que se saiba que o governo procurará obter melhoria de situação no dia em que os operários derem por finda a greve.

Então há ou não há greve?

Daqui lhe afirmamos, sr. S. Cardoso e a todos aqueles que por espírito de ganância o apoiem, que os ferroviários só retomam o serviço depois de satisfecidas as suas reclamações; custe o que custar, morra quem morrer.

Enquanto houver um ferroviário disposto a lutar, a greve não terminará, nem o serviço se normalizará também. E' a voz da justiça que fala! E' o pio da família que exige.

Alguns camaradas tem-se deixado prender por qualquer polícia amador que lhes dá voz de prisão, sem a apresentação do documento respectivo.

De futuro, nenhum camarada se deixará prender sem que lhe seja presente o mandado de captura para se saber qual a entidade que ordenou a prisão, devendo ser sempre ouvido na presença de um advogado como facilita a lei.

Um camarada do comité que assistiu à assembleia magna de ontem trouxe-nos a feliz notícia de que todos os camaradas se encontram cheios de energia e coragem para continuarem na luta até à vitória, procedendo como vem encorajar ainda mais este comité para prosseguir na luta até ao fim, ou seja até à conquista das nossas reclamações.

Viva a greve!

Vivam os camaradas leais e firmes!

O Comité Central

oficiosa do Sindicato

Os jornais de ontem, fez a C. P. publicar uma nota onde declara que vai mandar importar materiais sobreelctricos para locomotivas e vagões. Só temos que louvar a atitude dos dirigentes da C. P., pela sua patriótica iniciativa.

Pelos cafés do Rocio não raro se ouvem, de certos indivíduos, que dizem que a greve ferroviária é uma greve política; não sabemos o que eles, com essas irritantes opiniões, pretendem dizer. Mas, como resposta diremos: Como trabalhadores, somos livres e queremos que a politica vá... passando muito bem.

A greve fez-se e mantem-se porque a classe é a mais mal paga de todas e, vendo-se ludibriada pelos politicos, agora como em 1914, já não vai atrás.

Perseguições em Coimbra

São vítimas da ferocidade das autoridades vários operários

Em Coimbra as perseguições a elementos da organização operária tem tomado, nestes últimos dias, um carácter retinatamente despótico, tal a maneira como se encarceram, sem o mais pequeno motivo, camaradas dedicados ao seu organismo local tendo o melhor do seu esforço e boa vontade, para que ele continue a sua acção benéfica em prol da grande família trabalhadora.

Já vinte e dois dias que o camarada José Almeida, fabricante de calçado de pé próprio, não sabendo até hoje o motivo da sua prisão.

No sábado, 2.º, cerca das 19 horas, foi encarcerado a polícia de segurança e da judicatura, de passar buscas às casas dos nossos camaradas Alfredo Soares da Silva, Daniel de Carvalho, António Tavares e Mário Campos, tarefa esta que pouco tempo depois, pois que antes das 20 horas, todos se encontravam presos, sob uma rigorosa incomunicabilidade.

Pois já lá vão 7 dias e ainda não se foram chamados a prestar contas dos seus crimes, continuando, portanto, numa situação embaraçada, criada simplesmente a título de vingança por essa cãfila de criminosos que hoje, ilegal e abusivamente, toma conta das coisas governamentais, que aqui tem os seus representantes, a quem esses camaradas nunca serviram de rodilha para lhes meter as maldades, antes pelo contrario lhes tem posto, a mostra, sempre que há motivo e oportunidade para o poder fazer.

Daí advem o ódio a esses camaradas, por parte daqueles a quem não querem ouvir os seus propósitos rastejantes, para eternamente se apoderarem da politica, os quais sempre tem posto em prática os seus rancorosos fins, para algum tempo estarem à vontade, como agora acontecem.

Diz o correspondente do Século, em 8 do corrente:

«Conservam-se ainda presos os quatro operários que foram detidos por virtude da bomba de clorato de potássio que explodiu no bôco de Mont'Arroio, e que originou o desastre a que nos referimos.

Já o misterio parece desvanecer-se. Era necessário, fôsse de que maneira fôsse, arranjar um pretexto que podesse dar origem a tam almejada vingança, que agora pizeram em prática, dum maneira tam selvagem, tam falta de senso e moralidade.

Ora vejamos. Rebentou uma bomba numa das artérias daquela cidade, a uma hora em que todos os camaradas presos se dedicavam à execução do seu misterio nas oficinas onde trabalhavam. Próximo do local onde o caso se deu, mora um desses camaradas, que tem, bem odiado, de há muito, pelos foras-brancos, a quem tem posto sempre em cheque os crimes cometidos e continuou-lhe fazendo até que o seu vigor e energia se esgotem com a adocção, ocasionada pelas perseguições constantes de que tem sido vítima.

Que tem este caso que vem com a prisão desses dedicadíssimos camaradas?

Mais um

Acaba de se apresentar ao serviço da C. P., na oficina da luz electrica, mais um amarelo e para admirar era que o não fivesse feito já. Esse senhor, que já se celebrizava na greve de 1914, levou agora a sua indignidade a fazer a apresentação nominal de alguns seus colegas, respondendo-lhe, porém, o respectivo engenheiro, que não tinha dúvida em receber estes, quando fizessem a sua apresentação individual e não por intermédio pessoal. Mas esses camaradas, mais dignos do que o tal amarelo, estão no firme propósito de se não apresentarem enquanto toda a classe o não fizer, mostrando-se assim dignos da consideração e estima dos demais camaradas de luta. Quanto ao amarelo, que lhe aproveite o indigno acto de traição.

A subscrição feita na sede da U. S. O.

A comissão administrativa da U. S. O. convida a direcção do Sindicato Ferroviário da C. P. a enviar dois representantes junto deste organismo, munidos das suas respectivas credenciais e recibo na importância de 31585\$, produto de donativos recebidos na semana finda em 16, encontrando-se na nossa sede, calçada do Combro, 38-A, 2.º, das 21 às 23, a Comissão Administrativa para tal efeito.

Que, tinham que ver com o caso camaradas que moravam 400, 500 e mais metros distantes do local onde se deu o caso?

Está provado que a policia não tratou de saber como o caso se passou, para apurar responsabilidades, caso as houvesse. A responsabilidade, para eles, devia caber aos camaradas que prendem, e que neste momento se dedicam apanasmente à preparação dos congressos que naquela cidade brevemente se realizam.

Pelo que acima expomos, está visto que não paga a cidade em que queriam envolver os referidos operários.

Em Coimbra deve estar espalhado por muita parte um grande numero de bombas de clorato de potassa, que foram distribuidas por várias pessoas, quando da revolução de 12 de Outubro.

Desconhece este facto importantissimo o sr. alferes Martins, actual commissario de policia, naquela cidade, que ordenou aquelas prisões?

Urge tomar energias e decisivas providencias para que terminem as perseguições naquela cidade a elementos operários, que só tem dentro dos seus organismos tratado da melhoria da situação económica dos respectivos associados.

Os inimigos da liberdade, encobertos com o rótulo de demagógicos, estão criando uma atmosfera de terror, encoberto com aquela que respiravam antes da revolução de 5 de Dezembro.

De mãos dadas com as autoridades de Coimbra, encontra-se naquela cidade de Armando de Azevedo, o assassino do professor Gueifão. E' preciso que o povo de Coimbra saiba que se encontra no seu seio tão vil personagem, e que se ponha de sobreaviso para, a primeira laganha que cometa, ser recompensado dos seus crimes, na sua quid totalidade contra a existência de vidas indefesas.

Providencias, senhores do poder, porque em Coimbra não há respeito pela liberdade.

As greves

Marceneiros

Continua a greve parcial em numero muito reduzido de oficinas, tendo a comissão conhecimento de que algumas destas abrem hoje concedendo o aumento reclamado pelo sindicato. Tem sido colocado grande numero de grevistas noutros officios de concessão de aumentos. A comissão promotora do movimento comunica a todos os camaradas que o bolsim de trabalho tem dado bons resultados e pedem-lhes que indiquem ao sindicato as vagas de que tiverem conhecimento.

Aggressão condenável

O Nôcteo da Juventude Socialista foi ontem em visita de estudo ao aqueducto das Aguas Livres. Na volta, ao passar junto dos arcos, os jovens foram atacados por um grupo de indivíduos chegado a ter com uma navalha nua das mãos, o sr. José Pires Barreira. E' possível que este acto tenha parte de indivíduos a quem a escola socialista não satisficiz. Como quer que seja, condemnamos a aggressão, que representa um ataque à liberdade de pensamento, quei reclamada pelos agredidos. Prescrevermos para estes agredidos, os que a professam, e próprio de dogmatismos conservadores e márcia de indivíduos que se pretendem revolucionários.

Trabalhadores

lede e propaga

Trabalhadores lede e propaga

Teatro São Luís

E' este o único onde não há discussões, nem desavenças, nem mau humor, porque

O PÉ DE MEIA

concilia todos com a sua alegria, deslumbramento e encanto

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

U. S. O. de Lisboa.—Lembra-se mais uma vez a todos os sindicatos aderentes a este organismo, que ainda não contribuíram com as cotas na importância de 1950 (deliberação da última assembleia de delegados) o dever que tem de abreviar esse pagamento para não protelarem a realização dos trabalhos desta União. Para este efeito, encontra-se hoje, às 21 horas, na sede quem recebe essas importâncias.

Continuam sendo recebidas, das 20 às 24 horas, importâncias a favor dos grevistas ferroviários.

Operários do Município.—Na assembleia realizada na passada quinta-feira, 14 do corrente, foram nomeados para os cargos vagos os seguintes camaradas.

Direcção.—2.º secretário, Luís Correia; 1.º vogal, António de Almeida Monteiro; 2.º vogal, Eduardo Casimiro de Oliveira; suplentes, Estêvão Sousa, José dos Santos e João de Sousa. Assessoria geral.—Vice-presidente, José Teodoro; 1.º secretário, Adelino dos Santos; 2.º secretário, Manuel Nunes Rocha.

Foi aprovado por unanimidade um protesto contra a forma arbitrária e violenta como o governo tem procedido contra a organização operária e ainda do cerco feito pela força armada à sede da U. O. N., U. S. O., Federação da Construção Civil, jornal A Batalha, Federação do Livro e do Jornal e Juventude Sindicalista, prendendo dezenas de trabalhadores e conduzindo-os para o picadeiro do quartel do Carmo, encontrando-se ainda alguns desses camaradas presos sem culpa formada.

Protestou também contra as perseguições feitas a diversos camaradas, prendendo-os como manceiros e agitadores que vivem à custa das associações, quando eles são camaradas honestos e chefes de família que pugnam pela causa justa dos trabalhadores, e ainda contra a expulsão do país do nosso camarada Artur Parente, manufactur de calçado.

Foi apreciado um officio do Sindicato Ferroviário que se encontra em luta há 45 dias contra os seus algozes, resolvendo a assembleia votar a quantia de 10500 para auxilio aos mesmos camaradas.

CONVOCAÇÕES

Pessoal dos Hospitais Cívis Portuguezes.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral extraordinária desta classe, tendo como ordem da noite o conflito hospitalar e reclamações da classe.

Pedreiros.—Esta classe acaba de distribuir um manifesto criticando severamente a construção da parede a talpa, e pondo em destaque a figura do sr. Serzedelo, como o principal transigista que pretende prejudicar a acção profissional que esta classe tem querido fazer respeitar.

No manifesto convida-se a classe a reunir hoje, às 21 horas, para tratar da magna questão do talpa. De esperar é, pois, que todos os pedreiros ocorram ao chamamento que lhes faz a Associação, a fim de se pronunciar sobre a forma de fazerem desaparecer um mal que tantos prejuizos lhes trás.

Mecânicos de Azevedo.—Reunem amanhã às 11 horas, o sr. e o sr. João de Almeida.

Pessoal da Casa da Moeda.—Os indivíduos castigados em resultado da sindicância, devem comparecer, hoje, às 10 horas, na sede da U. O. N., para assento de seu interesse.

João Maria Major

Operário manufactur de calçado João Maria Major, que se encontra preso no goiêiro civil, foi entregue pelos camaradas que trabalham no Parque Silva Porto, a quantia de 12500, produto de uma quete aberta entre os operários que ali trabalham.

Hospitais Cívis de Lisboa

O director geral dos Hospitais Cívis, tenente coronel sr. Domingos Patacho, visitou ontem acompanhado do fiscal geral sr. José Siqueira, o hospital da Estafeta, onde foi recebido pela respectiva fiscal D. Maria Rosário dos Santos e pelo interno dr. de serviço, dr. Carlos de Azevedo. O sr. Siqueira ficou maravilhado com o estado de acção e boa ordem em que tudo encontrou.

O tenente coronel sr. Domingos Patacho, em breve visitará os restantes hospitais.

Um inimigo dos monopólios

Acérea da selagem dos motores de gas e electricidade, numa officina metalurgica da rua da Junqueira, temos a acrescentar que os inspectores das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, srs. Artur Gonçalves e António D. Antunes, requisitaram do chefe da 4.ª secção, Eduardo Tavares, um agente a fim de os auxiliarem numa inspecção a referida officina, há muito vigiada pelos respectivos inspectores para reincidência de fraudes ás companhias do consumo electrico.

Os inspectores e o agente David verificaram a existência dum apuro muito enoioso, para subtrair ao consumo grande quantidade de energia que não accusava o contador.

Os inspectores foram selados e guardados pela policia.

Cruz Vermelha

No pólo n.º 1 do Terreiro do Paço, ficaram ontem 25 curativos de urgência a indivíduos vítimas de pequenos desastres, e os pensos de repicção, e no da Junqueira, 10 curativos de urgência e 38 de repicção. Os autos desta sociedade, conduziram aos hospitais 29 doentes.

No pólo n.º 2 da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, receberam também curativos, José Joaquim Bento, 35 anos, empregado no Montepio Geral e residente na travessa de S. Bernardino, S. L., que na rua da Praia, casa de n.º 4, ficou acido, ficando muito ferido na cabeça; Maria Osório Sampaio, de 7 anos, residente na rua do Arco do Limoeiro, 25, 3.º, que na residência foi mordida por um cão, ficando muito ferido na cara.

Depois de pensada, foi transportada para o Instituto Bacteriológico, onde ficou em tratamento. Há aspeitos de que o animal se já esteja de volta.

Notícias

Na Hungria

O povo conta a reacção burguesa

PARIS, 12.—O "Matin" recebeu um telegrama de Budapest, dizendo que os ministros são muito impopulares.—H.

A agitação social no Japão

As reclamações operárias ameaçam a estabilidade governamental

TOKIO, 12.—Ha um mal estar em todo o Japão, por causa da carestia dos viveres. O governo adoptou providencias contra a especulação. No dia 1 do corrente não se publicaram os jornais em virtude um lock-out. Os operários reclamam em todo o país aumento de salário. O governo recusa-se a reconhecer a existência dos sindicatos operários, que não temham existência legal. A situação poderia acarretar uma crise ministerial.—H.

Na Suíça é consentida a venda de alcooes